

GROTH E LAMPIÃO:

jornalismo laboratorial impresso e a ciência dos jornais

Copyright © 2016
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

KARINA GOMES BARBOSA
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

RESUMO - Este artigo reflete sobre o lugar e o papel do jornalismo laboratorial impresso em um curso, ainda jovem, de Jornalismo do interior do país, a partir das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e da importância do veículo no sistema de mídia da cidade onde o jornal-laboratório circula. Para efetuar tal reflexão, dialoga com conceitos fundamentais da chamada “ciência dos jornais” proposta por Otto Groth. Nesse sentido, tenta demonstrar as constantes articulações entre o pensamento teórico acerca do jornalismo e a práxis laboratorial efetivada na disciplina do curso. Partindo de tais premissas, traz relato de experiência da execução do jornal-laboratório Lampião, do curso de Jornalismo da Ufop, durante o segundo semestre de 2014, analisando-o sob cinco categorias, a saber: periodicidade, universalidade, atualidade, publicidade e experimentação. A partir dessa análise é possível perceber as maiores dificuldades e a falta de intimidade dos estudantes de Jornalismo com o produto jornal impresso, bem como as peculiaridades de um jornal protótipo, com periodicidade e atualidade bastante características.

Palavras-chave: jornal-laboratório, atualidade, periodicidade, universalidade, publicidade.

GROTH Y LAMPIÃO: el periodismo laboratorial impresso y la ciencia de los periódicos

RESUMEN - En este artículo se reflexiona sobre el lugar y el papel del periodismo laboratorial impresso en un curso de Periodismo, todavía joven en el interior del país, en vista de las Directrices Curriculares Nacionales (Nueva DCNs) y la importancia del vehículo en el sistema de medios de comunicación de la ciudad donde circula el periódico de laboratorio. Para hacer esta reflexión, se hace un diálogo con los conceptos fundamentales de la “ciencia de los periódicos”, propuesto por Otto Groth. En este sentido, lo intento es de demostrar los vínculos constantes entre la reflexión teórica sobre la práctica del periodismo y de laboratorio realizadas en el transcurso del curso. A partir de estos supuestos, trae informe de experiencia de aplicación de periódico laboratorial, en el curso de Periodismo de Ufop, durante el segundo semestre de 2014, analizándolo en cinco categorías, a saber: la frecuencia, la universalidad, en la actualidad, la publicidad y la experimentación. A partir de este análisis, es posible darse cuenta de las mayores dificultades y la falta de intimidad de los estudiantes de periodismo con el producto diario impresso, así como las peculiaridades de un periódico prototipo con una periodicidad y actualidad muy características.

Palavras-chave: jornal-laboratório, atualidade, periodicidade, universalidade, publicidade.

GROTH AND LAMPIÃO: experimental print journalism and the Science of newspapers

ABSTRACT - The current paper is a reflection on the place of the student newspaper in a new Journalism undergraduate course located in a Brazilian countryside region, considering the new curriculum guidelines, in dialogue with Otto Groth's fundamental concepts of the Science of newspapers. In this sense, we try to demonstrate the constant links between theoretical constructs and experimental praxis of Journalism. For that, we analyze the experience of Lampião, an experimental student newspaper at Ufop, during a semester in 2014, considering it under five categories: periodicity, universality, topicality, publicity and experimentation.

Keywords: experimental newspaper, topicality, periodicity, universality, publicity.

1. Preâmbulo

Em novembro de 2014, o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) concluía a reforma da matriz curricular, gestada desde 2012 e pautada por discussões em torno, entre outros pontos, de alguns aspectos das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), publicadas um ano antes pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), ligado ao Ministério da Educação (MEC): a diminuição da centralidade do jornalismo impresso no ensino laboratorial; o incremento do eixo da prática laboratorial desde os primeiros semestres do curso; os desafios da implementação do estágio curricular supervisionado em um curso localizado no interior do país (ainda que próximo a Belo Horizonte), com mercado de comunicação limitado; a possibilidade de flexibilização curricular.

Este artigo parte de um aspecto, em particular, para refletir sobre alguns trânsitos epistemológicos e pragmáticos do jornal-laboratório Lampião no curso de Jornalismo da Ufop: o lugar do impresso no ensino laboratorial de jornalismo. Christa Berger denomina o estágio atual do jornalismo de “2.0”, em direta alusão à internet 2.0 (web 2.0), e situa o produto jornal como uma “versão 1.0” do jornalismo (2011, p. 278). Neste artigo, portanto, nos dedicamos a refletir sobre esse “jornalismo 1.0”, que sobrevive – viceja – e tem como desafio recolocar-se no espaço universitário, no currículo acadêmico e nos locais onde circula. Para empreender tal tarefa nos voltamos aos trabalhos de Otto Groth sobre a ciência dos jornais, sobretudo o que diz respeito às quatro

características identificadas pelo autor: periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade; além do que constitui, a nosso ver, o núcleo do que é o jornalismo laboratorial.

2. Jornal-laboratório, Lampião e Mariana

Em recente volume sobre jornalismo laboratorial impresso, Tonus e Soster atestam que “a atividade laboratorial em jornalismo vive um momento particularmente exuberante” (2013, p. 14), decorrente do aumento de cursos de Comunicação – e de Jornalismo. Um mapeamento feito pelos autores acerca dos produtos laboratoriais do país revela que 88% deles são jornais, comprovando a importância do jornal-laboratório, exigência legal nos cursos de Jornalismo desde o fim da década de 60, regulamentada pelo governo em 1978. Apesar dessa obrigatoriedade e da inegável relevância no ambiente de aprendizado do Jornalismo, há carência de reflexão teórica sobre o tema (como também atestam Tonus e Soster). Daí decorre que um dos mais estáveis conceitos sobre o que é um jornal-laboratório date de 1982. A definição foi produzida no VII Encontro de Jornalismo Regional sobre Órgãos Laboratoriais, aqui resgatada por Dirceu Lopes:

O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional. (LOPES, 1989, p. 50)

Destaca-se no conceito o caráter experimental desse tipo de publicação, que deve ser exercitado sempre tendo em vista um veículo “real”, com público-alvo definido, linha editorial, projeto gráfico, periodicidade e circulação. Dirceu Lopes ecoa: “Como o próprio nome diz (jornal-laboratório), deve servir como elemento experimental, seja em termos de linguagem, conteúdo editorial ou mesmo aspecto gráfico” (1989, p. 51). A esse respeito, uma síntese de Spannenberg, Barros e Jerônimo converge na mesma direção: “A base de um jornal-laboratório é a mudança” (2013, p. 27). Mudança que é demandada ou incentivada pelo caráter experimental do jornal-laboratório e potencializada pelo fato de que, em muitos casos, a cada período (semestre, ano, bimestre) a redação laboratorial seja composta de novos estudantes, que irão assumir as funções editoriais.

José Marques de Melo ressalta o papel independente que esse tipo de veículo deve exercer, ancorado apenas em questões pedagógicas e nos interesses das comunidades a que se dirige. “É preciso que esses órgãos sejam entendidos como espaços pedagógicos, espaços que devem ser vinculados a uma comunidade à qual eles se dirigem. E sendo espaço de criação livre, que eles tenham a sua própria política” (MELO, 1985, apud LOPES, 1989, p. 55).

O aspecto pedagógico salientado por Marques de Melo se reflete no processo de aderência, adequação e diálogo dos cursos com as novas diretrizes, tarefa que vem sendo realizada desde a publicação do documento – ou antes dela, como no caso da Ufop. Não é um percurso isento de dificuldades e, mesmo, de paradoxos. De um lado, o Conselho Nacional de Educação (CNE) sinaliza que “o jornal-laboratório, bem como o jornalismo impresso em geral, se integra a outros suportes do fazer jornalístico” (GOMES BARBOSA; CARVALHO, 2014, p. 2). No parágrafo 6º do artigo 4º da resolução que traz as novas diretrizes, há, inclusive, recomendação para que o impresso não seja a espinha dorsal nem referência profissional do futuro jornalista, centrado no jornalismo 2.0: “VI - ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão;” (MEC, 2013, p. 2).

De outro lado, em 2014 o curso de Jornalismo da Ufop realizou concurso para professor do quadro efetivo voltado para “Jornalismo Impresso / Organização Editorial de Jornais / Jornalismo Especializado” (UFOP, 2014, p. 3). A criação da vaga para professor de Jornalismo Impresso e Organização Editorial de Jornais reflete, sobremaneira, a importância do jornal-laboratório do curso, o Lampião, para as comunidades a que se dirige, e também dialoga com as configurações midiáticas da(s) cidade(s) onde circula – Mariana, primordialmente, e Ouro Preto.

A respeito dos meios de comunicação de Mariana, Adriana Bravin e Priscila Borges apontam que

ainda imperam meios informais de comunicação, tais como murais, pontos de ônibus, padarias, praças, igrejas e postes, usados para propaganda, venda e troca de produtos, aluguel de casas, divulgação de eventos culturais e políticos. Também é possível “saber o que se passa” parando-se para ouvir a conversa alheia numa esquina, onde as pessoas colocam os assuntos em dia, assim como na saída da missa dominical e no passeio pela praça, aos domingos. A cidade possui dez jornais semanais, francamente parciais; não há diários; apenas uma operadora de telefonia com banda larga; duas emissoras

de rádio – uma pertencente a uma expressiva rede ligada ao setor religioso evangélico e outra à Arquidiocese de Mariana. Em paralelo, existem plataformas informativas organizadas por grupos religiosos, como os membros da comunidade católica, ligada ao 6º. Bispado brasileiro; institucionais, como o site da UFOP; ou mesmo culturais. (BRAVIN; BORGES, 2012, p. 2)

Este preciso quadro de mídia traçado pelas autoras tem sido complementado em anos recentes por páginas na rede social Facebook, que publicam e compartilham um misto de notícias da região, serviços de utilidade pública, boatos e informações divulgadas por órgãos oficiais, mantendo algumas das características identificadas nos veículos impressos, como pouca profissionalização da mão-de-obra e forte ligação a grupos políticos da região. Além disso tem se expandido a rede de infraestrutura de comunicação, com a ampliação da banda larga por bairros da cidade e crescente oferta de TV a cabo, entre outras mudanças. O panorama da mídia impressa permanece similar, bem com o do rádio.

Nesse contexto comunicacional local, o jornal-laboratório *Lampião*¹ adquire relevância singular: com atuais 3 mil exemplares de tiragem e distribuição majoritária em espaços públicos de Mariana (onde se localiza o campus de Jornalismo) e Ouro Preto (onde fica o campus principal da Ufop), é considerado um dos poucos meios de comunicação independentes da região, em consonância com a preocupação de Marques de Melo. Essa percepção é compartilhada pela comunidade, de acordo com Bravin e Borges: “o *Lampião* conseguiu, já em seu primeiro semestre de circulação, ser amplamente aceito na cidade. (...) conquistou a comunidade” (2012, p. 3). Essa imagem também vem sendo interiorizada pelos alunos do curso, que ao chegarem à redação do jornal expressam isso. No início do segundo semestre letivo de 2014, tal percepção se fez claramente presente na fala de um estudante, que, questionado sobre “o que pensa do *Lampião*”, respondeu: “É o jornal que fala o que os outros não falam”.

A missão do jornal-laboratório amplifica tal percepção de independência e compromisso primário com o leitor e a comunidade: “(...) Apresenta uma linha editorial que eleva o contexto para além do campus universitário, *não atendendo a outros interesses que não os da comunidade, assumindo, assim, um compromisso de serviço ao leitor*” (LAMPIÃO, 2011b, s/p, grifo nosso). Alguns editoriais, produzidos pelos diferentes editores-chefes que ocuparam o cargo nas 17 edições publicadas até 2014, são outras maneiras de expressar esse sentimento: “O jornalismo proposto aqui é aquele

em que a história contada quer transformar o mundo sem medo da utopia e do sonho, ambos transformados em ‘motor de arranque’ para a intervenção social, para a construção de um lugar melhor” (LAMPIÃO, 2011a, p. 2).

Ainda nesse ambiente onde cada exemplar se efetiva e onde participa da construção da realidade, o Lampião se insere como fonte importante de circulação de informações. A partir de dados de pesquisa conduzida em 2011 pelo jornal, Bravin e Borges constaram a predominância do veículo impresso como meio utilizado para se informar em Mariana (2012). Para além do Lampião, portanto, o produto jornal permanece com relevância regional, e tal característica deve ser levada em conta no ambiente de aprendizado jornalístico, como também o foi na reforma curricular e na opção por seleção docente voltada a esta área.

O lugar do jornal laboratorial impresso em um curso de Jornalismo situado no interior do país dialoga diretamente com a mudança paradigmática do jornalismo operada há algumas décadas e visível, sobretudo, nestas duas primeiras décadas do século XXI. É mister o reconhecimento do atual sistema que rege o jornalismo: “um sistema contemporâneo aberto à inovação, principalmente porque o leitor passou a fazer parte do fluxo de informação” (SCHMITT; OLIVEIRA; FIALHO, 2008, p. 11). Certamente, é essa alteração de paradigma – teórico, produtivo – que norteia as considerações das DCNs a respeito do lugar do jornal impresso no panorama contemporâneo do jornalismo. Contudo, é necessário refletir a respeito das diferentes maneiras – e dos diferentes tempos – como essa mudança de paradigma ocorre em um país de cenários distintos como o Brasil, que apresenta concentração de mídia nos grandes centros e, conforme mostramos, um panorama disperso e carente de meios de comunicação profissionalizados e independentes em cidades do interior, caso de Mariana. Em cidades como essa, o acesso à internet e uso da rede são outros fatores que restringem a emergência do jornalismo 2.0 e o acesso da população a todas as possibilidades oferecidas por ele, como a de potencialmente transformar consumidores de informação nos chamados *prosumers*.

Mais: mesmo diante de médias de conexão diária à internet de cinco horas e do abundante fluxo de informação *non stop* do ambiente digital, o brasileiro ainda considera que “os jornais são os veículos mais confiáveis”, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, divulgada pela Presidência da República (BRASIL, 2014, p. 7) – 58% dos brasileiros e 71% dos mineiros confiam muito ou sempre nos

veículos. A esse respeito, a PBM apresenta uma informação relevante sobre a atenção dedicada à leitura do jornal: “Mesmo que sejam baixas a frequência e a intensidade de leitura de jornais e revistas, eles são os meios de comunicação com maior nível de atenção exclusiva. Entre os leitores de jornal, 50% disseram não fazer nenhuma outra atividade enquanto o consome” (BRASIL, 2014, p. 8).

Ainda assim, não se pode desconsiderar o fato de que 76% dos entrevistados pela PBM não leem jornal (dos que leem, 79% o fazem apenas na versão impressa – 81% em Minas Gerais), bem como os índices de leitura são menores quanto menores são os municípios. Numa cidade como Mariana, com cerca de 58 mil habitantes segundo dados do IBGE, estima-se que 81% dos habitantes não leem jornais, e 5% o fazem uma vez por semana. Quando abrem um jornal, buscam se informar sobre a cidade (28%), editoria mais recorrente nas edições já publicadas do Lampião. Portanto, adaptar esse jornal-laboratório às novas diretrizes não significa somente tirar-lhe o lugar de centralidade na produção laboratorial do curso; há que se levar em conta o lugar que o jornal ocupa para a comunidade e a relação de tal comunidade com o jornalismo, com a web 2.0 e com o produto jornal. Há que se levar em conta, ainda, a partir dessa importância externa, o potencial de aprendizado que o jornal-laboratório representa para os estudantes.

3. A essência de um jornal

É a partir desse contexto que nos dedicamos a investigar o processo de produção do Lampião sob a ótica do que Otto Groth chamou de a “ciência dos jornais”. Na obra publicada em 1965, traduzida integralmente para o português pela primeira vez em 2011, o teórico alemão elenca o que, para ele, seriam as características fundamentais de um jornal – suas “qualidades constituintes” (GROTH, 2011, p. 35). Periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade constituem a natureza do jornal, assim caracterizado para Groth: “Como todo uniforme, o jornal é imaterial; só é apreensível por meio de cada exemplar; cada número materializa sua ideia” (p. 147). Esse todo imaterial tem a tarefa essencial de mediação entre o “ser e o acontecer” de todo o mundo (p. 163), ou como afirma mais à frente: “mediar o conhecimento de todas estas relevâncias de todas as áreas da vida e da cultura, da sociedade em todas as suas partes” (p. 172) – quanto mais mediável é, mais cresce o poder intelectual do jornal. A mediação se expressa firmemente na

universalidade e na publicidade, enquanto periodicidade e atualidade se conectam ao tempo e às temporalidades do jornal. À maneira tão apropriada evocada Carlos Drummond de Andrade no poema *Mãos dadas*, para o jornal “o tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes, a vida presente” (2012, p. 34), ou, de acordo com Dalmonte, “o produto jornalístico deve possibilitar ao leitor participar de um presente amplo, global, capaz de coincidir com o seu” (2010, p. 328).

A primeira dessas características temporais, a periodicidade – uma lei, para o autor, que impacta na produção material – tem a ver com a continuidade das publicações, que por sua vez é estipulada pela unidade da obra: o conteúdo exige publicação com alguma periodicidade. A ideia do todo a que se refere Groth surge, contínua e periodicamente, tendo o jornal como realidade imaterial contínua. Essa é, de fato, a natureza do jornal, “seu distintivo mais explícito” (2011, p. 149): um recorte de tempo delimitado leva o jornal a retornar periodicamente, acostumando, incitando e coagindo os leitores. A repetição ajuda a reter o que desaparece, fortalece o fraco, reforça a participação e a certeza (GROTH, 2011). Essa periodicidade se baseia nas necessidades vitais das pessoas – por notícias diárias, por notícias matutinas e vespertinas, por notícias semanais impressas em papel jornal. Cria, mesmo, uma dependência físico-psicológica e sociocultural, tanto mais forte quanto maior a periodicidade. A aspiração de todo jornal, de acordo com Groth, é fazer coincidir acontecimento e publicação – ser instantâneo, o que diz bastante a respeito da natureza *tempo real* do jornalismo digital.

A cada vez que o jornal retorna, ele tem a pretensão de universalidade: de incluir cada um no mundo diante de si, mundo que depende do alcance do jornal, já que “o periódico se baseia na relação ‘eu e o mundo’” (p. 170). Além da inclusão, o jornal impõe que o sujeito tome posição em relação a tal mundo, ajudando-o a “se adaptar a ele e dominá-lo, a manter as ligações com os outros e trocar experiências com eles” (p. 171). Para Groth, apenas quando alguma coisa se torna o mundo diante do indivíduo, este se torna curioso sobre tal mundo. É importante ressaltar que, para o autor, o jornal é universal na perspectiva do presente:

O jornal é um mediador de tudo que é digno de saber dos mundos diante de todos, contanto que seja ‘universal’, tem que ser ‘universal’. O mais importante nestes mundos diante de si é o presente e em especial o presente momentâneo de cada um, contanto que este seja em primeiro lugar ‘atual’, tem que ser neste sentido ‘altamente atual’. O jornal vê o seu universal necessariamente na perspectiva do presente, o seu universal

forma-se e colore-se na escolha, na concepção e no tratamento do material atual. A atualidade é sempre procurada e preferida por ele, mas, mais do que isso, ele sempre aspira pela sua universalidade. (GROTH, 2011, p. 177)

E é aí que reside a força mais potente do produto: na atualidade, já que o presente é, de maneira geral, o mais importante para os indivíduos. Assim, o jornal tem a tarefa de mediar algo atual, presente, em voga, novo – ainda que novidade e atualidade sejam conceitos distintos; enquanto novidade é um conceito subjetivo, atualidade é um conceito objetivo, de tempo. Atual é o que cai no presente ou tem relação com ele, e novamente a ideia de instantaneidade surge: o desejo do jornal é reduzir o tempo entre acontecimento e mediação ou publicação. Dalmonte, ancorado em Franciscato, situa a novidade, que tem proximidade com a atualidade, na “gênese da narrativa jornalística, tendo-se em vista o apelo que o ‘novo’ tem para operacionalizar mecanismos por meio dos quais possa irromper o desconhecido na ordem do dia” (2010, p. 329).

Finalmente, a publicidade se conecta à universalidade, pois diz respeito ao que está diante de todos, mas também àquilo a que todos têm acesso. É, em outras palavras, a característica objetiva de acesso a todos e à coletividade subjetiva dos leitores, fazendo com que todos possam tomar conhecimento. Conecta-se ao que se considera interesse público e ao direito à informação e está intimamente relacionada à tiragem do veículo, já que a circulação das informações impacta no grau de publicidade que elas terão. Groth deixa clara, e podemos perceber, a conexão interna entre essas características: “A partir da universalidade e da atualidade tornam-se claras primeiro a periodicidade, que é exigida necessariamente pela universalidade e atualidade, mas que também as determina e, da mesma maneira, a publicidade” (p. 178).

Pensar o jornal-laboratório e sua prática, compreendendo essa dimensão como articulação constante com a teoria, requer uma aproximação epistemológica com o que se discute a respeito do jornal. É oportunidade de refletir e constantemente repensar modos de fazer a atividade, ancorada na tradição do pensamento acerca do jornal como produto e como objeto de pesquisa – como ciência, conforme Groth: uma ciência da cultura, já que, para ele, jornais “são obras culturais” (2011, p. 33). Daí a relevância desse diálogo como o autor e sua epistemologia dos jornais. Daí a atualidade mesma desse diálogo no contexto produtivo e de circulação do *Lampião*.

Neste cruzamento, compreendemos que o jornal-laboratório é um jornal, no que tange às suas qualidades constituintes, que

possui ainda certas características peculiares, como demonstramos anteriormente. Essas peculiaridades entendemos estarem abarcadas na ideia de *experimentação*. A experimentação reforça que esse tipo de jornal não é comercial; que se ancora na produção laboratorial; que não segue necessariamente e apenas os modelos vigentes de produção jornalística; que não é profissionalizado; que é espaço de aprendizado. Assim, nos debruçamos sobre o Lampião a partir dessas cinco categorias – atualidade, periodicidade, universalidade, publicidade e experimentação – para refletir acerca dos processos produtivos e dos resultados dos produtos obtidos ao longo do segundo semestre de 2014 na feitura do jornal, efetuada por estudantes, em sua maioria, do 5º semestre do curso de Jornalismo da Ufop.

4. Atualidade

A necessidade de presentificar os assuntos a serem abordados no jornal se apresenta como uma dificuldade comum (mas não unânime) já na reunião de pauta do jornal-laboratório Lampião. Essa dificuldade se expressa de maneira concreta na ausência de gancho² que justifique a importância da pauta para aquela edição. Alguns repórteres não conseguem responder às questões “Por que essa pauta deve entrar *neste* jornal? O que a torna atual – mais que isso, urgente?”.

Algumas propostas de pauta, porém, conseguem contemplar plenamente o senso de eterno presente do jornal – cada vez mais pretérito diante do jornalismo 2.0, o que torna a atualidade um desafio ainda maior. Na edição 16, a primeira do semestre, destacam-se as pautas sobre a presença da mulher na política marianense (*Há pouco espaço para elas*), ao propor um assunto conectado às eleições num período intermediário das datas de votação sem correr o risco de envelhecer; a influência de Mestre Ataíde no trabalho dos artistas plásticos contemporâneos de Mariana (*Passado que inspira artistas*), ao utilizar a efeméride das comemorações do nascimento do artista colonial como gancho para estabelecer uma relação com o que é produzido hoje nas artes plásticas da cidade; a pauta sobre programa municipal de combate às drogas retoma assunto já abordado no jornal com o mote de um novo projeto, que a edição antecipa (*Mágica no combate às drogas*). As pautas sobre o processo de beatificação de Dom Luciano (*Santo de casa*) e sobre o projeto com as sociedades musicais da cidade (*Domingo de música na praça*) existem em um

tempo intermediário: não são exatamente atuais, porque não se situam objetivamente no presente (a beatificação era apenas relativamente recente, e o projeto musical já vinha ocorrendo há alguns meses).

Mas possivelmente, nesta edição, a ligação com a atualidade fica mais explícita na reportagem especial da edição, sobre mineração. Não era esse o tema do especial, que trataria de educação. Porém, após a reunião de pauta um acidente grave, com mortes, ocorreu nas proximidades da região, maior polo minerador de Minas Gerais. A equipe de editores do jornal, responsável última por fechar o espelho, propôs uma reunião extra para avaliar a pertinência de utilizar esse acidente como gancho para discutir segurança na mineração (*Os riscos da vida na mineração*). Foi na proposição dessa pauta que o Lâmpião se mostrou mais presentificado, mais atual.

Curiosamente, não há menção explícita ao gancho/ao acidente no texto da reportagem. A diferença entre a pauta e a reportagem ficou clara em alguns outros momentos: houve dificuldade em estabelecer para o leitor a relação de atualidade, tornando alguns textos mais frios, mais enciclopédicos e menos jornalísticos (sobretudo no que diz respeito à estrutura de pirâmide invertida). Isso demonstra, também, dificuldade em estabelecer a hierarquia da informação a partir do que é mais presente para recuar até outros tempos do acontecimento e do que o circunda; em vez disso, alguns repórteres demonstravam mais facilidade com a construção diacrônica, cronológica do texto. Em alguns casos, nas duas edições, a dificuldade da atualidade referiu-se a problemas na apuração: o repórter não conseguiu desenvolver a pauta de modo a trazer as informações mais atuais para a matéria.

A edição seguinte, 17, foi temática, relacionada ao “futuro” e ao “tempo”, assuntos propícios a estabelecerem relação com a atualidade. Há, no jornal, claramente uma divisão entre pautas mais atuais, na primeira metade, e mais frias – menos atuais, menos presentes – na segunda metade (uma réplica – inconsciente? – dos “primeiros” e “segundos” cadernos dos jornais comerciais). As pautas de turismo (*Turismo requer atenção*), aeroporto (*Um aeroporto ouropretano*) e trânsito (*O trânsito está nos planos*) tratam não apenas de problemas urgentes da população, mas se voltam ao que de mais atual havia, naquele momento, nesses assuntos.

O especial, de política, surgiu como um caderno de quatro páginas. Nas duas centrais, uma reportagem analítica sobre a representatividade da região nos recém-eleitos Assembleia Estadual, Câmara e Senado federais (*Falta apoio do Legislativo*). A abertura do caderno trouxe a primeira

entrevista do governador de MG eleito em outubro, Fernando Pimentel (*Um novo horizonte para Minas*). No fechamento do caderno, partiu-se do gancho da iminente divulgação do relatório final da Comissão Nacional da Verdade para presentificar o assunto ditadura (*Onze em defesa do país*) e contar a história de um advogado de Mariana que participou de um grupo brizolista às vésperas do golpe militar. Na mesma página, uma matéria sobre uma casa de abrigo a escritores exilados em Ouro Preto trazia ligação mais sutil com a repressão – além de recuar ao passado inconfiante da região (*Entre o exílio e o acolhimento*).

A matéria sobre o desemprego decorrente do fechamento próximo da fábrica Novelis, em Ouro Preto (*A preocupação é o desemprego*), representou o desafio de ser a mais atual do jornal e, ao mesmo tempo, não ser capaz de fazer coincidir minimamente acontecimento e publicação, por conta da periodicidade do jornal. Assim, a preocupação foi falar do fechamento sem abordá-lo diretamente, já que ele ainda não havia ocorrido até a conclusão da edição. Do mesmo modo, avaliar essas consequências mostrou-se impossível, devido aos desdobramentos posteriores do fato. A possibilidade de uma cobertura contínua também foi descartada, porque o jornal circula apenas duas vezes no semestre. Uma pauta factual, absolutamente presente; atual, mas que devido à natureza peculiar do presente em um jornal-laboratório, mostrou-se complexa.

5. Periodicidade

A dificuldade de trabalhar, na construção textual, a pauta do fechamento da Novelis se relaciona à periodicidade do jornal-laboratório. Como a grande maioria dos jornais desse tipo do país, o Lampião não é diário, é bimestral – de acordo com Tonus e Soster (2013), a periodicidade mais comum é a semestral, seguida por mensal e anual. Apenas um jornal-laboratório que participou de pesquisa conduzida pelos autores se identificou como diário; três se classificaram como bimestrais.

Esse retorno “canhestro” do jornal ao leitor, pouco usual no que diz respeito ao produto jornal, é bastante adequado ao processo de aprendizado envolvido em um produto laboratorial acadêmico. Ressalta-se, no Lampião, a importância do aprendizado do processo produtivo, mais até que do produto final que é impresso e distribuído. Isso leva à escansão das rotinas e etapas produtivas que, em um jornal comercial, podem ser executadas em um dia ou menos. Em uma redação

profissional, muitas delas, eventualmente, são puladas pelo domínio que o jornalista tem delas ou por conta dos prazos, principalmente.

Já a bimestralidade, se se contrapõe à pressa, implica em uma dificuldade de lidar com o factual. Muitas pautas propostas ficam “velhas” – não atuais, não presentes – no tempo decorrente entre a reunião e o início da circulação do jornal. Algumas se referem a efemérides que ocorrem durante a produção do Lampião, como Dia das Crianças, e outras a acontecimentos pontuais, como a mudança de responsabilidade sobre a manutenção da rede de energia elétrica de Mariana, que ocorre durante a edição 17. Essa dificuldade em se ajustar à factualidade elástica do jornal-laboratório leva à rejeição de muitas pautas por parte da equipe de editores durante o fechamento do espelho da edição.

A periodicidade também vai implicar na relação dos leitores com o jornal; se em Mariana, sobretudo, e Ouro Preto o Lampião já ressoa com apenas dois exemplares a cada semestre, se seu retorno às mãos do público fosse feito com maior periodicidade, essa relação de dependência, confiança e a criação do *habitus* certamente poderia se estabelecer com maior força.

6. Universalidade

Ao lado da periodicidade, é um dos elementos que mais causam a “rejeição” das pautas pelos editores. Na maioria dos casos, de acordo com a visão editorial do Lampião, o que sai no jornal é de interesse para o público a que se destina: as comunidades de Mariana e Ouro Preto. As reportagens publicadas ora se voltam para uma das duas cidades ou seus distritos, ora abordam problemas comuns aos dois municípios – caso do especial de política da edição 17. Uma ocorrência comum nas reuniões de pauta é os alunos confundirem o universal deles – estudantes – com o universal das comunidades. Os dois universos não coincidem, visto que devido às formas de ingresso na universidade, poucos estudantes são oriundos da região. A maioria é mineira ou do Sudeste.

Além de não serem de Mariana ou Ouro Preto, é comum que a noção de pertencimento às comunidades das duas cidades não seja tão internalizada em muitos deles, que circulam por grupos de repúblicas, do semestre, do curso, de universitários, enfim, mais que nos círculos comunitários da cidade. Como não são da região, muitos voltam “para casa” em fins de semana e feriados, dificultando a criação dessa sensação de pertencimento.

O reflexo material disso é uma série recorrente de pautas que tem os estudantes como público-alvo e que reflete o interesse deles, não o interesse público. Os exemplos mais constantes são sugestões de pauta sobre repúblicas (nos mais variados matizes da discussão), caronas (costume muito comum entre os estudantes para se locomoverem entre Mariana e Ouro Preto) e projetos da Ufop de que participam. Nesse semestre nenhuma delas foi aprovada pelos editores. Além dessas sugestões, há a recorrência do que classificamos como universais particulares. São temas pertinentes à comunidade local, mas que entram na pauta de discussão por serem familiares aos estudantes. Destacam-se, aí, pautas sobre preços de aluguéis e preços de passagens de ônibus. Apesar de relevantes, não foram aprovadas justamente pela recorrência; são assuntos costumeiramente tratados pelo jornal, que evita repetir alguns assuntos para explorar a diversidade de problemas e temas que a região oferece como pautas.

7. Publicidade

A ideia de publicizar o que é preciso vir à tona nesse mundo à volta do Lampião tem se manifestado como a característica mais levada em conta pelos estudantes, quando da proposição de pautas, e pela equipe de editores ao fechar o espelho das edições. Se aproxima muito à noção de interesse público. Apesar de poucas propostas de pautas com viés explicitamente investigativo, os estudantes se alinham ao que o Lampião vem propondo em várias edições e que explicitou na edição 6: “Nosso pensamento é tratar com clareza os casos, contar histórias e, sobretudo, refinar as palavras. Também buscamos lampear personagens escondidos por essa Mariana-moça que não tem tempo de olhar para o lado” (LAMPÃO, 2012, p. 2). A noção de “iluminar”, “lampear”, “trazer à tona” problemas que não são explorados por outros veículos é bastante enraizada nos estudantes – vem explicitada em vários editoriais e implícita em uma análise mais detida das escolhas editoriais do jornal. É a identidade mesma do Lampião se materializando a cada exemplar, produzido por turmas distintas, mas conduzido pela missão e por aquilo em que o jornal-laboratório acredita: refletir e aprofundar conflitos, necessidades e memórias das cidades.

Por isso, os repórteres propõem pautas que busquem revelar histórias, dramas, problemas, mas também poesia, além de recuperar memórias. A reportagem sobre mineração expressa bem essa preocupação,

bem como as reportagens sobre educação da edição 16 (*Ensino integral: na trave e O desafio é ficar na escola*), que problematizavam o ensino integral e a evasão escolar em Mariana; a reportagem sobre os problemas de entrega dos Correios (*Correios: erros geram indignação*) e pela falta de emissão de RGs em Mariana (*Mariana sem identidade*). Já na edição 17, temática, os problemas tratados, como trânsito e turismo, foram explorados pelo viés das perspectivas futuras. Mas houve a publicização de problemas da região como a falta de estrutura para doação de sangue e captação de órgãos (*Doar órgãos é amar o próximo*).

A importância de dar publicidade a todas as notícias que merecem ser publicadas também se conecta ao contexto de imprensa local que apresentamos: sendo o *Lampião* um jornal (laboratório) de perfil independente, cidadão, torna-se ainda mais premente que dê visibilidade a assuntos de interesse público que não são discutidos pelos outros veículos e que cobre das instâncias cabíveis soluções para eles; que, enfim, intervenha, como mediador, na realidade social dos locais a que pertence.

8. A experimentação

Como dissemos, a experimentação é a característica fundamental de um jornal que se apresenta como laboratorial: não basta, como afirma Dirceu Lopes, reproduzir a realidade, é preciso criar inovações (1989). Assim, é mister focar nos potenciais experimentais desenvolvidos ao longo do processo produtivo do jornal. No segundo semestre de 2014, a experimentação pode ser materializada na reportagem especial da 16ª edição. Ao tratar dos riscos a que os trabalhadores da mineração estão expostos, a reportagem humanizou o relato com o perfil de um profissional que sofreu acidente de trabalho. Contudo, havia um temor, por parte do personagem, de sofrer retaliações. Por isso o jornal optou contar a história sem revelar a identidade dele, prática eticamente justificada para proteger a fonte.

O texto, porém, foi construído como perfil. O perfil, conceitualmente, humaniza o relato e também revela o sujeito, dando-lhe visibilidade. Sodré e Ferrari deixam clara a centralidade do personagem: “perfil significa enfoque na pessoa (...) sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida” (1986, p. 126). Nesse sentido, o nome atua como elemento capaz de conferir autoridade subjetiva a esse herói ou anti-herói, nos termos dos autores. Nas palavras

de José Saramago em *A jangada de pedra*, “para que as coisas existam duas condições são necessárias, que homem as veja e homem lhes ponha nome” (SARAMAGO, 1994, p. 50). O perfil, ao rodear uma pessoa e conferir-lhe materialidade, por meio do texto, é uma maneira de dar às pessoas existência (jornalística). Sem o nome, é um perfil que nega ao sujeito essa existência, ao mesmo tempo que a protege socialmente. Não há que se instalar a discussão de acerto na execução de um perfil desse modo, mas sim da pertinência; trata-se de uma experimentação jornalística executada a partir de critérios deontológicos e editoriais. A ponderação se deu em termos de interesse público, humanização do relato e o direito constitucional de proteção à fonte de informação, categorias caras ao jornalismo laboratorial produzido pelo Lampião.

Já o texto da fotorreportagem da edição 16, *O mistério das ruínas*, construído como híbrido entre matéria jornalística e pequeno conto literário, foi a opção da repórter para narrar uma história repleta de lacunas, boatos, disse-me-disse e poucos fatos comprovados ou comprováveis nos prazos de produção do jornal (visto que se trata de história ocorrida no século XVII). O início tem estrutura textual bastante convencional: “Pombos sobrevoando o que um dia foi igreja e hoje é cemitério. O cenário de um filme de vampiros com que moradores do distrito de Antônio Pereira convivem diariamente (...)”. Ao final da introdução, porém, o leitor entra na história e o discurso jornalístico se torna narrativa literária: “Na delegacia o Baiano falou que não tinha matado a criança, que esse crime ele não tinha cometido (...)”.

Já na edição 17, o texto que apoia o ensaio fotográfico foi construído como crônica, com pouquíssimas alusões, sutis, aos personagens fotografados. Os dois textos, livres, traçam aproximações com o jornalismo literário, ao utilizar técnicas da literatura, como a narração e descrição, para construir um texto jornalístico (PENA, 2006). A questão a ser colocada diz respeito justamente ao lugar de pertencimento dos dois textos: o hibridismo, a liberdade e a parca quantidade de informações que entregam ao leitor os colocam no limiar do jornalismo.

9. Considerações finais

Construído como lócus de imbricação entre conhecimentos teóricos e práticos, o espaço do jornal-laboratório se efetiva como realização de todas (ou, pelo menos, as principais) as etapas e rotinas produtivas para a produção de uma edição de jornal. Em alguns

momentos, os construtos teóricos que embasam cada passo e cada decisão tomadas na redação podem não ficar tão explícitos – nem ser tão explicitados pelos professores – diante da urgência de prazos, entrevistas, das imagens por editar, da página por diagramar, das pautas que caem. Isso não significa, nem pode implicar, o abandono da teoria na execução do jornal-laboratório³. Isso ainda que estejamos nos referindo a prazos muito mais elásticos que aqueles encontrados em grande parte da produção de um jornal impresso. Esses prazos, certamente, se devem aos tempos considerados pedagogicamente apropriados para o aprendizado crítico das rotinas, muito além da mera execução delas, por parte dos futuros jornalistas, nos processos adotados pelo jornal. O que se efetiva no jornal-laboratório, no Lampião, é um protótipo experimental e crítico de jornalismo impresso.

Nesse sentido, ainda que sejam invisibilizadas eventualmente pelas demandas práticas, as discussões teóricas têm papel fundamental na compreensão do fazer experimental e ajudam a melhorá-lo. Permitem, ainda, um diagnóstico e propiciam a reflexão de como os processos se articulam com a teoria. Ao colocar em diálogo o pensamento de Otto Groth com os processos e os produtos da disciplina em que o Lampião é realizado, o que se vislumbra é justamente a inseparável relação entre o pensamento teórico e o que se produz na atividade prática.

É possível perceber também que mesmo sendo o jornal o produto mais antigo, perene e tradicional do jornalismo, os alunos/repórteres ainda têm dificuldades em ajustar suas propostas de pautas e, posteriormente, suas reportagens, às características fundamentais do jornal. Isso pode se relacionar à falta de familiaridade ou envolvimento do estudante com o projeto editorial do jornal em questão (o Lampião), que só é apresentado em detalhes aos estudantes quando chegam à disciplina. Pode ser um indício, também, da perda de importância do jornal impresso no leque daquilo que as pessoas consomem como informação e, conseqüentemente, no que forma o quadro de referências do futuro jornalista. Pode fazer supor ainda que a naturalização do produto jornal impresso não é suficiente para garantir aos estudantes o completo domínio das características fundamentais do produto.

Do mesmo modo, em muitos casos a experimentação soa tímida, e ainda que as características do jornal impresso não estejam tão próximas dos estudantes, a familiaridade superficial com elas, com os modelos vigentes de jornalismo, propicia uma execução menos inovadora do produto laboratorial. Isso pode indicar que, além do domínio ainda incipiente das características fundamentais

do jornal impresso, os estudantes também não se movimentam com desenvoltura pelo experimentalismo oferecido – demandado, mesmo – pelo laboratório de jornalismo impresso. Também podemos pensar se há pouca formação crítica desses estudantes com relação a esses modelos, já que nem sempre são capazes de problematizar, na práxis laboratorial, as maneiras pelas quais o jornalismo tradicional efetiva suas qualidades constituintes a cada exemplar e, assim, repensar as manifestações da periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade.

Por fim, talvez o que se depreenda das dificuldades em lidar com essa essência do jornal-laboratório seja uma mudança na maneira de conceber o tempo jornalístico e as formas de mediação exercidas pela atividade jornalística pós jornalismo 2.0. O jornal impresso, ainda tão imprescindível e importante – audível – em uma comunidade de interior como é o caso do Lampião, transita em um presente peculiar, sempre ameaçado de se tornar pretérito no período que decorre entre a reunião de pauta e a distribuição; não consegue, mesmo que ambicionasse, ser apressado, instantâneo; não é de sua natureza fazer coincidir acontecimento e publicação. Requer o aprendizado e a apreensão de um novo presente, espesso e esticado. A mediação também requer um novo posicionamento diante desse mundo que cerca os repórteres, enquanto estudantes universitários: um mundo que não é deles, mas ao qual pertencem enquanto estudam na Ufop; um mundo ao qual, se não aderirem, não conseguem enxergar a universalidade de que o Lampião depende.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

BERGER, Christa. Otto Groth e a essência do Jornalismo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 275-278, dez. 2011.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **V Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014.

BRAVIN, Adriana; BORGES, Priscila Monteiro. Lampião ilumina a cidade: cotidiano, conflito e aprendizado à luz do “olhar estrangeiro” em um jornal-laboratório. **XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**, 2012, Uberlândia. 14o Encontro Nacional de Professores de Jornalismo,

2012. Disponível em: <http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=846&cf=24>. Acesso em março de 2015.

DALMONTE, Eduardo. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. In: **História**, vol. 29 nº.1. Franca, SP: 2010.

BARBOSA, Karina Gomes; CARVALHO, André Luís. Artefato: o ensino laboratorial de jornalismo e as Novas Diretrizes Curriculares. In: ORMANEZE, Fabiano; BAZI, Rogério (orgs.). **Reflexões para o ensino de Jornalismo no Brasil**: algumas abordagens. 1 ed.Campinas: FNPJ, 2014, v. 1, p. 51-71.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido** – fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

JORGE, Thaís de Mendonça. **O Manual do Foca**. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

LAMPIÃOa. Outro jornalismo é possível [Editorial]. **Lampião**, ed. 0, p. 2, mai. 2011. Disponível em: http://issuu.com/jornallampiao/docs/jornal_lampi_o_ufop_edi_o_0. Acesso em março de 2015.

LAMPIÃOb. Missão. In: BORGES, P.; SANTOS, A. C. L.; GOMES BARBOSA, K. **Jornal Lampião**, fev. de 2015. 32 f. Notas de Aula. Eletrônico.

LOPES, José Dirceu. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

SCHMITT, Valdenise; OLIVEIRA, Leonardo Gomes; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Jornalismo 2.0: a cultura da colaboração no jornalismo. In: **E-compós**, Brasília, v.11, n.3, set./dez. 2008. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/305/309>. Acesso em fevereiro de 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem** - notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SPANNENBERG, Ana Cristina; BARROS, Cindhi Vieira Belafonte; JERÔNIMO, Lucas Felipe. Construção colaborativa de um jornal-laboratório: relato de experiência do jornal Senso (in)comum. In: TONUS e SOSTER (orgs). **Jornalismo laboratorial: impressos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

TONUS, Mirna; SOSTER, Demétrio de Azevedo. Apresentação. In: TONUS e SOSTER (orgs). **Jornalismo laboratorial: impressos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

UFOP. Edital PROAD nº 19/2014 de 11 de março de 2014. **Concurso Ufop**. Ouro Preto: Ufop, 2014. Disponível em: <http://www.concurso>.

ufop.br/images/stories/ed_efetivo_nico_19_2014_detec_deciv_degeo_demet_deart_decso_correto_05_reas_11.03.14__3_.pdf. Acesso em março de 2015.

NOTAS

- 1 Produzido por estudantes da disciplina obrigatória do curso de Jornalismo Laboratório de Impresso I – Jornal, ofertada no quinto período da graduação. São duas turmas de até 25 alunos cada que aprendem juntas o ofício do jornalismo laboratorial, orientados por três professoras: de texto, fotografia e planejamento visual, com a contribuição de um ou dois monitores. No segundo semestre de 2014, a turma realizou duas edições ao longo do semestre.
- 2 Um fato hierarquizador que impõe alguma ordem aos fatos de uma história, ou certo tipo de pretexto que motiva um texto jornalístico, sobretudo os factuais (JORGE, 2005). O gancho muitas vezes se materializa no lead do texto e é percebido pelo leitor. Além disso, costuma ser demandado em veículos diários, como preconizam os manuais de redação mais conhecidos do país.
- 3 Muitas vezes a presença da teoria se materializa, no jornal-laboratório, nas aulas de retomada de conteúdos que são realizadas no início da produção de cada edição, para as equipes de diagramação, reportagem e fotografia.

Karina Gomes Barbosa é professora do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), onde atua no jornal-laboratório Lampião. É doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília, com pesquisa relacionada a narrativas, afetos e audiovisual.

RECEBIDO EM: 08/06/2015 | ACEITO EM: 02/01/2016